

A PROPAGAÇÃO DA CULTURA JAPONESA ATRAVÉS DAS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS EM MARÍLIA

SANTOS, Rodrigo Amado dos.

Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas (FAHU) da Associação Cultural e Educacional de Garça (ACEG).

Bacharel em Turismo – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Mestre em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Marília. Doutorando em Geografia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Rio Claro

profrodrigoamado@gmail.com

ESAKI, Flávia Manzano.

Bacharel em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas (FAHU) da Associação Cultural e Educacional de Garça (ACEG)

flaviaesaki@hotmail.com

RESUMO:

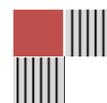
É indubitável o fato do dinamismo cultural existente em nosso território nacional. Desde os tempos de Brasil Colonial, a formação social brasileira pode contar com diversas singularidades culturais, sendo estas provenientes de diversos tipos de povos, o que pode gerar uma visualização de uma cultura híbrida quando se questiona a cultura de nossa sociedade. Percebe-se que, devido às intersecções culturais, nossa sociedade perpassa por etapas de aceitação, que vão desde a repulsa a aceitação de valores, crenças e costumes provenientes de outros grupos sociais. Contudo, é inquestionável que toda essa miscelânea apenas contribuiu para a caracterização de uma das mais ricas fontes culturais mundiais: o povo brasileiro. Assim, uma das culturas que mais influenciou o nosso desenvolvimento sócio-econômico fora a japonesa, principalmente na região sudeste, mais notadamente no interior de São Paulo. Vindo ao encontro de uma necessidade traçada graças ao Centenário da Cultural Japonesa que será celebrado no ano vigente, este trabalho se propõe a analisar a formação sócio-histórica desses indivíduos, buscando compreender como se deu a vinda e o estabelecimento dos mesmos em nosso território. Após essa discussão, visualizar-se-á a seguinte questão: como a atividade turística poderia contribuir para a fixação de sua identidade cultural.

Palavras-chave: Cultura. História. Identidade. Turismo.

ABSTRACT:

It's indubitable the fact of the existent cultural dynamism in our national territory. Since Brazil Colonial, the Brazilian social formation can count with several cultural singularities, being these coming from several types of people, what can generate a visualization of a hybrid culture when our culture society is questioned. It's noticed that, due to the cultural intersection, our society pass through acceptance stages, which provides repulse or acceptance of values, faiths and coming habits of other social groups. However, it is unquestionable all this miscellany just contributed to the characterization of one of the richest world cultural sources: the Brazilian people. So, one of the cultures that more influenced our socioeconomic development was Japanese, mainly in the southeast area, more especially in São Paulo. Coming to the encounter of a need traced thanks to the Centennial of the Cultural Japanese that will be celebrated in the effective year, this study intends to analyze those individuals' social and historical formation, looking for understanding as his exit was done and how was the establishment of the same ones in our territory. After that discussion, the following subject will be visualized: as Tourism could contribute to the fixation of his cultural identity.

Key-words: Culture. History. Identity. Tourism.



O processo migratório é um tema complexo, pois engloba muitas visões que podem abordar questões históricas, fatos que influenciaram em tal processo, a psicologia do imigrante e assim por diante. Segundo Saito (In: TETSUKAMOTO, 1973:13) pode-se dizer que:

“por emigração e imigração se entende aquele processo de mobilidade espacial que se opera em áreas afastadas entre si e separadas por fronteiras, envolvendo um número considerável de pessoas, as quais, individualmente ou em grupos, transferem seu domicílio para outro país onde passam a viver e exercer regularmente suas atividades ocupacionais.”

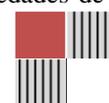
Tratar-se-á neste trabalho, especificamente da imigração japonesa para o Brasil. Aqui serão abordados os motivos pelos quais os imigrantes saíram de seu país de origem, quais foram as trajetórias destes dentro do Estado de São Paulo e principalmente na cidade de Marília, ligando estes fatos às questões pertinentes ao desenvolvimento de atividades culturais praticadas por seus descendentes através de festas promovidas por associações culturais que transparecem suas tradições.

Assim sendo, a origem da imigração japonesa se deu, devido a transição da chamada Era *Tokugawa* (1600 a 1867) para a Era *Meiji* (1868 a 1912). Durante a Era *Tokugawa*, o Japão apresentava-se muito interiorizado, ou seja, não possuía relações com os demais países, porém com o surgimento da Era *Meiji*, ou seja, com a introdução da modernidade ao país, principalmente na zona rural, houve a primeira migração interna, dos moradores do campo para a área urbana, pois os impostos altos e desemprego obrigavam os camponeses a procurar outro modo de vida. A partir daí o governo japonês começou a ver com outros olhos a questão da emigração para outros países, fator que além de solucionar parte da superpopulação, poderia trazer futuramente investimentos nos países receptores.

Entretanto, sem mais delongas, poder-se-ia afirmar que a imigração para o Brasil seria dividida em dois processos segundo Leão Neto (apud. SAITO, 1989, pág.27): “o primeiro estender-se-ia de 1908 a 1925, podendo ser qualificado como experimental, e o segundo, de 1926 até 1941, durante o qual a imigração foi promovida e subsidiada pelo Governo japonês”. Nessa primeira fase os japoneses vinham para o Brasil (através de convênios das Companhias de Emigração, que auxiliavam os imigrantes japoneses a chegarem seguramente até o Brasil) com o intuito de ganhar dinheiro e voltar ao Japão, porém com as condições iniciais de trabalho árduo, diferença brusca de cultura, começa-se a observar uma desilusão por parte dos imigrantes japoneses, que ainda dividiam o processo migratório com os Estados Unidos, que logo após fechou as portas para recebê-los, assim como muitos outros países já citados anteriormente. Na segunda fase todas as pessoas que gostariam de emigrar tinham como fazê-lo graças ao pagamento das passagens marítimas através do governo Japonês, o que incentivou e muito os japoneses a tentar a vida no Brasil.

Especificamente no Brasil, a imigração de japoneses teve como data inicial o ano de 1908. Nesse período, apresentava-se a necessidade de mão-de-obra para as grandes fazendas de café situadas em São Paulo e depois para as do interior do estado¹, onde posteriormente alcançaram o município de Marília.

¹ No início, os japoneses faziam todo o processo de plantio, colheita e inclusive limpeza do terreno a ser cultivado. Depois passaram a plantar para além de subsistir (em terrenos particulares dentro das fazendas) outras variedades de café. A Revista Científica Eletrônica do Curso de Bacharelado em Turismo é uma publicação semestral da Faculdade de Ciências Humanas de Garça FAHU/FAEF e Editora FAEF, mantidas pela Associação Cultural e Educacional de Garça – ACEG. Rua das Flores, 740 - Vila Labienópolis – CEP: 17400-000 - Garça/SP – Tel.: (0XX14) 3407-8000 –www.revista.inf.br - www.editorafaef.com.br – www.faeef.br.



Segundo Vieira (1973, pág.59)

“A partir de 1890 verifica-se a marcha acelerada dos cafezais em direção às terras dos planaltos ocidentais, num processo contínuo que manterá unidos estreitamente empresa agrícola, desenvolvimento ferroviário, imigrante e em correlação estreita com as oscilações dos mercados consumidores.”

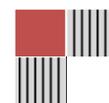
Para auxiliar as glebas de imigrantes que seguiriam para o Brasil, existiam as Companhias de Emigração, que eram empresas particulares que tinham a aprovação do governo japonês para tal procedimento. Havia um acordo entre as empresas e os imigrantes, de que uma parte do dinheiro devido à Instituição pelo serviço prestado, seria paga ainda no Japão, antes de embarcar para o Brasil, e o resto, poderia ser enviado mensalmente (SAITO, 1973). Quando chegavam as fazendas de café, logo os imigrantes japoneses percebiam que sua jornada nesta nova terra não seria fácil. Obstáculos como adaptação ao trabalho árduo, comida, clima e língua, teriam de ser transpostos se quisessem atingir seu objetivo principal que era o de voltar ao Japão, se possível permanecendo o mínimo aqui no Brasil e guardando o máximo de dinheiro para melhorar sua situação financeira em seu próprio país.

Sem deixar seus costumes de lado², em um local totalmente diferente do que estavam acostumados, os imigrantes japoneses começaram a se reunir e formar associações. Nesse sentido, as pessoas poderiam fazer parte dessas Associações de quatro maneiras conforme descrito por Barros (In: KIYOTANI apud BASSANEZI, 2005): a primeira que seria chamada espontânea, ou seja, se juntando uns aos outros, procurando agregar valores à sua cultura e tradição. Outra forma seria através da compra de lotes no interior de São Paulo, formando pequenas comunidades. A terceira, seria através do recebimento de terras através de concessões do Governo japonês para que os imigrantes japoneses pudessem se desenvolver e por fim colônias originadas em núcleos do poder federal ou estadual. Para que os imigrantes pudessem ter uma direção, começaram a organizar-se Associações, uma medida importante e que fora mais bem compreendida quando Barros (2005, pág.35) afirma que “com o passar do tempo, a comunidade passou a perceber que a união seria a melhor forma de conquistar a Independência”.

Nessas cooperativas podia-se encontrar o contato direto com a cultura, com o idioma, primeiramente por que a língua falada era o japonês, nesses locais podia-se ver filmes originais tanto curta como longa metragem, haviam reuniões e encontros para dias comemorativos, atividades de dança típica japonesa e ainda esportes, além da interação dos descendentes em relação às informações que diziam respeito a melhora da qualidade de vida, informações sobre Japão, enfim tudo o que fazia parte do interesse desses novos integrantes do Brasil.

plantações como o algodão por exemplo, e graças á educação econômica que possuíam, conseguiram criar condições de melhorar de vida, chegando até a se mudar e montar um pequeno negócio.

² A importância desse fato se dá a partir do momento em que compreendemos que “toda cultura [pode ser incluído aqui as atividades, independentemente de seu caráter ideológico, exercido pelos homens] exercida por um indivíduo qualquer irá possuir traços, significados e valores que irão diferenciá-la de quaisquer outras que a cerquem. Em sua totalidade a mesma possuirá traços que deixarão estabelecer seu modo de vida, suas crenças e atividades, ou seja, serão artifícios produzidos pelas mesmas que irão traduzir seu modo de vida em um tempo quaisquer. Enfim, repassarão algo que as tornem únicas perante o meio em que são estabelecidas” (BOSI, 1986:23)



Os japoneses podiam contar com vários suportes de ajuda espiritual (associações religiosas), educacional (escolas de japonês), esportiva (associações esportivas), financeira (associações financeiras), o que faziam deles fortalecidos, pois começaram a perceber que conforme aumentava a união deles, mais a sua comunidade teria condições de estabilidade.

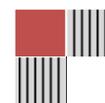
No município de Marília³, a primeira Associação a ser construída foi a Associação Nipo-Brasileira de Marília em 1930, que mais tarde ficou conhecida como *Kai-kan*. Nela podiam-se encontrar várias atividades e eventos, que eram mantidos com o pagamento das mensalidades dos sócios pertencentes à zona rural e urbana. Além da escola de japonês (que mantém suas atividades até hoje), oferece-se também aulas de *judô*, *taiko* (uso de tambores), danças típicas japonesas inclusive com intercâmbio de professores. Além da sede social, existe também a sede campestre que apresenta o nome de *Nikkey*, onde se praticam *beisebol*, *softball* e onde se realiza o mais importante evento de propagação de cultura japonesa que é o Japan Fest.

Existem ainda outras associações tais como o *Okinawa Kyokai*, que em 2002 completou 50 anos e que foi criada justamente por causa da discriminação contra os okinawanos. Pode-se citar também as associações para homens jovens (*Seinen-kai*) e para garotas (*Joshi-Seinen-kai*) que prestavam serviços em prol da comunidade nipônica. Outra associação que também pode ser citada é o Esporte Clube Mariliense, porém este era mal visto pelos *isseis* que gostavam de manter as tradições e também não aceitavam muito a adesão de não descendentes para as associações. Além dessas, muitas outras existiam como, por exemplo: Associações Religiosas, Associações de Crédito, Associações informais, e associações não-japonesas, porém não possuem tanta importância para o objeto de estudo.

Para finalizar, a cultura japonesa, para a cidade de Marília, trouxe muitos benefícios, prova disso, é a atração de tantos turistas para conhecer sua culinária, sua história, suas tradições, além de ser para a economia do município uma grande engrenagem, que acaba privilegiando muitos outros setores. Nesse processo, é importante perceber que o turismo deve exaltar o desenvolvimento cultural, social e econômico de uma localidade, desde que, todos os procedimentos relacionados à sua planificação e gestão estejam sendo seguidos e possam ser passíveis de contemplação. Tal afirmativa cai exatamente em um dos princípios analisados por Krippendorf, para uma nova concepção do turismo, onde afirma que, para a continuação benéfica, sem impactos negativos em nossa sociedade, caberia aos empreendedores e gestores desta mesma atividade/fenômeno considerar o Turismo como:

“(…) Uma política (…) que respeite o ser humano e o meio ambiente [devendo] (…) buscar o seguinte objetivo principal: assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone. (2001, p.135-136)

³No município de Marília nota-se uma divisão entre os *naiti-jin* (japoneses da ilha) e os japoneses de *Okinawa*, bem como os japoneses da primeira geração (*isseis*) e os japoneses da segunda geração (*nisseis*). Existiam divergência de pensamentos e opiniões entre eles. Os okinawanos eram considerados inferiores pelos *naiti-jin* devido um passado de dependência em relação à política e governo japoneses.



Nesse sentido o trabalho desenvolvido e demonstrado aqui vem como uma exemplificação de um turismo responsável e preocupado com a repercussão de seus atos. É como explica Krippendorf:

“A política do turismo não estará mais centrada exclusivamente nas finalidades econômicas e técnicas, mas também respeitará o meio ambiente e levará em conta as necessidades de todas as pessoas envolvidas. Um turismo que satisfaça essas condições, no meu entender, é um turismo “suave” ou um “turismo adaptado”. (2001, p.136)

Em outras palavras, tal atividade/fenômeno deverá ser concebida como uma ferramenta, que vise a preservação e contemplação de todos os resquícios que fazem, do local em questão, singular à nossa sociedade, bem como a preservação e propagação da identidade cultural – seja por meio das Associações – do grupo social aqui em questão: os japoneses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Darci Kazuyo Yamauchi. **Imigração Japonesa**: Levantamento dos dados históricos sobre a chegada de imigrantes japoneses na cidade de Garça. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Bacharelado em Turismo). Faculdade de Ciências Humanas. Garça - SP: Associação Cultural e Educacional de Garça, 2005.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massas e Cultura Popular**: leitura de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

SAITO, Hiroshi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Vozes, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. **O japonês na frente de expansão paulista**: o processo de absorção do japonês em Marília. São Paulo: Pioneira, Ed da Universidade de São Paulo, 1973.

